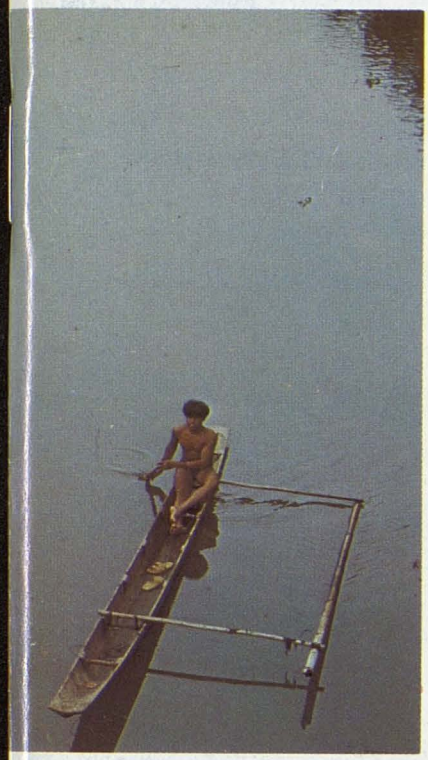
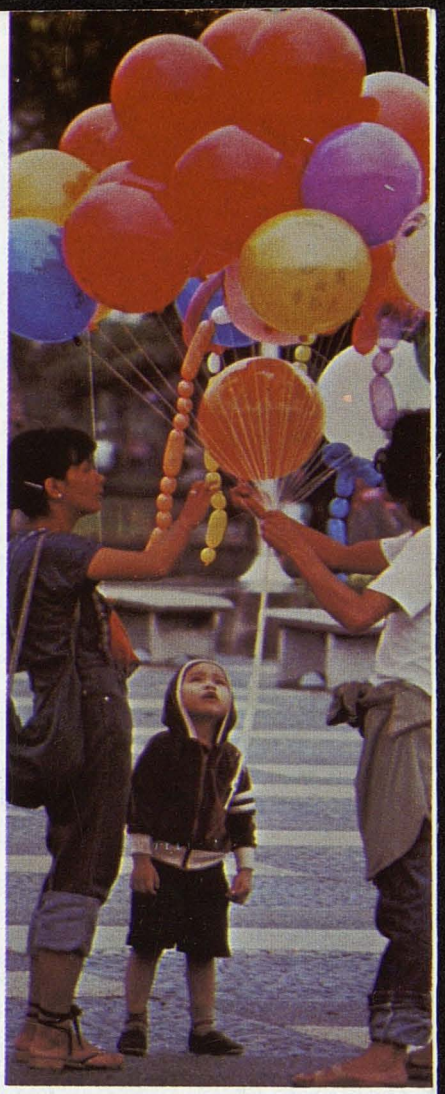


36/4 ABRIL 1983

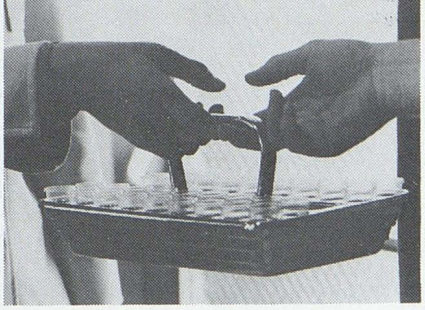
A Liahona











10



22



33

GM
M205.5
L694Pb
v.36
1983

A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA
Spencer W. Kimball
Marion G. Romney
Gordon B. Hinckley
CONSELHO DOS DOZE:
Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
Howard W. Hunter
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight
James E. Faust
Neal A. Maxwell
COMITÊ DE SUPERVISÃO:
M. Russel Ballard
Loren C. Dunn
Rex D. Pinegar
Charles Didier
George P. Lee
F. Enzio Busche
EXECUTIVO DO "INTERNATIONAL MAGAZINE":
M. Russel Ballard, Editor;
Larry A. Hiller, Editor Gerente;
David Mitchell, Editor Associado;
Bonnie Saunders, Seção Infantil;
Roger Gylling, Desenhista.
EXECUTIVO DE A LIAHONA:
Gelson Pizzirani, Diretor Responsável;
Paulo Dias Machado, Editor;
Victor Hugo da C. Pires, Assinaturas;
Orlando Albuquerque, Supervisor de Produção.

A Liahona

ABRIL DE 1983
PBMA0562PO
S. PAULO - BRASIL

HISTÓRIAS E DESTAQUES

1 — Mensagem da Primeira Presidência: "E, Saindo Dali, Chorou Amargamente", Presidente Gordon B. Hinckley
6 — Tomar Sobre Nós o Seu Nome, Ardeth G. Kapp
14 — Perguntas & Respostas, Susan Zmolek e Roger A. Hendrix
17 — Como Descobri o Amor de Deus, Maureen Derrick Keeler
20 — Russel M. Nelson: Um Exemplo de Obediência, Lane Johnson
27 — Manter o Equilíbrio: Reconhecer os Excessos e Resistir a Eles, O. Don Ostler
31 — O Segredo de Cebu, Richard M. Romney

SEÇÃO INFANTIL

I Ele Já Ressuscitou!
III Mostrar Bondade para com o Nosso Irmão, Nanette Larsen
VI Os Sabiás Também Vão para o Céu? Alice Stratton

NOTÍCIAS LOCAIS

I Distrito de Salvador Recebe Primeira Visita de Autoridade Geral
II Uma Fortaleza de Sião no Nordeste — Estaca Fortaleza
V Salão Nacional de Artistas Mórmons
VI "Porque a Fé Sem Obras É Morta"
VII Jovem SUD Grava Compacto Simples
VII Orar com Fé Sincera
VII "Os Eleitos Ouvem a Minha Voz"
IX O Acidente de Helamã
X Ensinar Os Pequeninos
XI A Vontade de Servir
XIII A Questão Psicológica da Castidade

CAPA

"O Segredo de Cebu" — História de uma Família Filipina. Veja na página 31.

LEGENDAS DAS ILUSTRAÇÕES DA CAPA

Capa anterior, alto, à esquerda: Um carabao ou búfalo indiano, animal símbolo das Filipinas. Centro, a partir da esquerda: Canoa com flutuador, típica do centro-sul das Filipinas (fotografada pelo Élder Michael K. Holmes); duas crianças filipinas usando chapéus tradicionais do campo; vendedor de balões no Parque Rizal, em Manila, a capital das Filipinas. Embaixo: Grupo de recém-batizados e missionários saindo do mar na Ilha Leyte (foto do Élder Kurt L. Soffe).
Capa posterior, alto, à esquerda: Um dos principais prédios do amplo campus da Universidade Santo Thomas, Manila. Embaixo, a partir da esquerda: Viçosa planta florindo no Forte Santiago, sítio original de Manila; o Golfo de Manila visto do Parque Rizal; a Avenida Ayala, centro financeiro de Manila. (Foto de Richard M. Romney.)

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D. P. F., sob o n.º 1151 - P 209/73 de acordo com as normas em vigor.
SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP.** Preço da assinatura anual para o Brasil: **Cr$ 800,00**; para Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Avenida Almirante Gago Coutinho 93 — 1700 Lisboa. Assinatura Anual Esc. 300; para o exterior, simples: US$ 5,00; aérea, US$ 10,00. Preço de exemplar avulso em nossa agência **Cr$ 80,00**. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo enderecos.
A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, n.º 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857, de 9-11-1930. "international Magazine" é publicado sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composição: Linoart Ltda. - Rua 13 de Maio, 71 - Fone: 256-1588 (PABX). Impressão: Gráfica Editora Lopes - Rua Manuel Carneiro da Silva, 241 - Fone 276-8222 - Jardim da Saúde - São Paulo - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais. Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430.

E, SAINDO DALI, CHOROU AMARGAMENTE

Presidente Gordon B. Hinckley
Segundo conselheiro na Primeira Presidência

Terminada a última ceia, Jesus e seus discípulos saíram de Jerusalém, indo para o Monte das Oliveiras. Percebendo que se aproximava a hora de sua terrível provação Jesus disse àqueles que amava: "Todos vós esta noite vos escandalizareis em mim (isto é, me abandonareis) . . .

"Mas Pedro, respondendo, disse-lhe: Ainda que todos se escandalizem em ti, eu nunca me escandalizarei.

"Disse-lhe Jesus: Em verdade, em verdade te digo que, nesta mesma noite, antes que o galo cante, três vezes me negarás.

"Disse-lhe Pedro: Ainda que me seja mister morrer contigo, não te negarei." (Mateus 26:31, 33-35.)

Seguiu-se a terrível agonia no Jardim do Getsêmani, e depois a traição. Quando o cortejo se dirigiu à casa de Caifás, "Pedro seguiu-o . . . (até) ao pátio do sumo sacerdote e, entrando, assentou-se entre os criados, para ver o fim". (Mateus 26:58.)

No transcorrer do pseudo julgamento, os acusadores cuspiam em



Jesus, e o esbofeteavam e uma das criadas, vendo Pedro, disse: "Tu também estavas com Jesus, o galileu.

"Mas ele negou diante de todos, dizendo: Não sei o que dizes.

"E, saindo para o vestíbulo, outra criada o viu e disse aos que ali estavam: Este também estava com Jesus, o nazareno.

"E ele negou outra vez com juramento: Não conheço tal homem.

"E, daí a pouco, aproximando-se os que ali estavam, disseram a Pedro: Verdadeiramente também tu és deles, pois a tua fala te denuncia.

"Então começou ele a praguejar e a jurar, dizendo: Não conheço esse homem. E imediatamente o galo cantou.

"E lembrou-se Pedro das palavras de Jesus que lhe dissera: Antes que o galo cante, três vezes me negarás. *E, saindo dali, chorou amargamente.*" (Mateus 26: 69-75; grifo nosso.)

Que palavras patéticas! Pedro, confirmando sua lealdade, sua firmeza e decisão, disse que jamais negaria a Jesus. O temor aos homens, porém, foi mais forte que sua fraca carne, fazendo sua resolução desabar diante da pressão. Depois, reconhecendo seu erro e fraqueza, "chorou amargamente".

Lendo esse relato, meu coração vibra em simpatia para com Pedro. Quantos de nós não se parecem com ele? Prometemos lealdade; afirmamos nossa determinação de ser valentes; declaramos, até mesmo publicamente, que aconteça o que acontecer, faremos o que é certo, defenderemos a causa da justiça, seremos fiéis a nós mesmos e ao próximo.

Então, surgem e crescem as pressões. Às vezes são pressões sociais; outras, nossos apetites ou então as falsas ambições. A força de vontade começa a ceder. Decresce a disciplina. Vem a capitulação. E depois, o remorso, a auto-acusação, lágrimas amargas de arrependimento.

Uma das grandes tragédias que testemunhamos é a dos homens de altos ideais e fraco desempenho. Seus motivos são nobres. Sua alegada ambição é louvável. Sua capacidade de realização é grande. Mas falham na disciplina, sucumbem à indolência, deixam-se dominar pelos apetites.

Lembro-me de um não-membro que conheci e era exatamente assim. Tinha formação universitária, um potencial sem limites. Como um jovem de excelente educação e oportunidades imensas, sonhava com grandes realizações e pôs-se a trabalhar para concretizá-las. Na empresa em que trabalhava nos primeiros anos, foi sendo promovido rapidamente para cargos cada vez mais altos, com oportunidades cada vez maiores. Em poucos anos, atingiu o escalão mais elevado da empresa. As tais promoções, entretanto, levaram-no a freqüentes compromissos sociais com o habitual consumo de álcool. Foi a sua ruína. Não conseguindo controlar-se, tornou-se alcoólatra, vítima de seus apetites. Procurou ajuda, mas era orgulhoso demais para disciplinar-se e seguir as restrições recomendadas por aqueles que tentavam ajudá-lo.

Caiu qual estrela cadente, consumindo-se tragicamente e desaparecendo na noite. Inquirindo amigo após amigo a respeito dele, final-

mente soube de seu triste fim. O moço tão talentoso e de elevados ideais, morrera na miséria numa de nossas grandes cidades. Como Pedro, sentira-se seguro de sua força e capacidade de realizar seu potencial. Mas negara essa capacidade e estou certo de que, quando se viu imerso nas sombras do seu insucesso também chorou amargamente, como Pedro.

Lembro-me de outro homem, conhecido meu. Filiou-se à Igreja há muitos anos, quando eu era missionário nas Ilhas Britânicas. Ele fumava. Orou ao Senhor logo que se tornou membro da Igreja, e o Senhor respondeu às suas orações e deu-lhe forças para vencer aquele hábito.

Voltado para Deus, ele vivia numa felicidade que nunca antes conhecera. Mas então aconteceu. Não conseguindo resistir às pressões sociais e familiares esqueceu-se de suas metas e sucumbiu aos apetites, seduzido pelo aroma do tabaco aceso. Voltei a vê-lo anos mais tarde. Conversamos a respeito daquele tempo feliz, e ele, como Pedro, chorou amargamente. Quando procurou justificar-se, culpando isso e aquilo, tive vontade de repetir-lhe as palavras de Cassius:

> A culpa, caro Brutos não é de nossa estrela,
> Mas de nós mesmos que somos inferiores.
> (Júlio César, ato I, cena 2, versos 140, 141.)

E assim poderia continuar falando dos que começam tendo nobres objetivos, mas depois vão desanimando — fortes na partida e fracos na chegada. São pessoas tendentes a viver egocentricamente, negando seus instintos generosos, ávidos de coisas materiais, esquecendo-se de compartilhar seus talentos e fé em sua vida banal e egoísta.

Destes, diz o Senhor: "E esta será a vossa lamentação no dia da visitação, do julgamento e da indignação: Passada é a colheita, findo é o verão, e a minha alma não está salva!" (D&C 56: 16.)

Gostaria de, mais particularmente, dirigir algumas palavras àqueles que, como Pedro, professam amar ao Senhor e sua obra, e a seguir o negam seja com suas palavras ou com seu silêncio.

Lembro-me muito bem de um jovem de grande fé e devoção. Foi meu amigo e mentor durante um período difícil de minha vida. Sua maneira de viver e o entusiasmo com que servia evidenciavam seu amor ao Senhor e à obra da Igreja. Mas depois ele se foi deixando desviar gradualmente pela adulação de companheiros que o usaram em proveito próprio. Em lugar de ele elevá-los para a sua fé e comportamento, lentamente sucumbiu às seduções do rumo oposto.

Jamais falou mal de sua antiga fé. Não era necessário. Sua nova maneira de viver era suficiente para mostrar que a renegara. Passaram-se anos e então voltamos a nos encontrar. Mostrava-se um homem desiludido. Com voz cansada e olhos baixos, falou-me de sua vida fútil, sem destino, depois que largou a firme âncora de sua antiga e querida fé. Concluindo seu relato, como Pedro, chorou.

Recentemente, conversando com um amigo a respeito de um conhecido comum, pessoa respeitada e de

muito sucesso em sua profissão, perguntei:

— E como anda sua atividade na Igreja? — ao que meu amigo respondeu:

— Lá no fundo do coração ele sabe que é verdadeira, mas tem medo dela. Teme ser excluído do círculo social em que vive, se admitir sua filiação à Igreja e viver segundo seus padrões.

Então refleti: "Assim como Pedro negou o que sabia com certeza, dia virá, embora possivelmente só na velhice, em que esse homem entenderá que trocou sua primogenitura por um prato de lentilha. (Ver Gênesis 25:34.) Então haverá remorso, tristeza e lágrimas, pois perceberá que não apenas negou o Senhor em sua vida, mas negou-o também perante seus filhos, que cresceram sem uma fé para ampará-los."

O próprio Senhor afirmou: "Portanto, qualquer que, entre esta geração adúltera e pecadora, se envergonhar de mim e das minhas palavras, também o Filho do Homem se envergonhará dele, quando vier na glória de seu Pai, com os santos anjos." (Marcos 8:38.)

Agora, voltemos a Pedro que chorou amargamente depois de haver negado a Jesus. Reconhecendo seu erro e arrependendo-se, de sua fraqueza, ele mudou e tornou-se uma valente testemunha do Senhor ressurreto. Como apóstolo sênior, dedicou o resto da vida ao testemunho da missão, morte e ressurreição de Jesus Cristo, o Filho vivo do Deus vivente. Foi ele quem fez o comovente sermão no dia de Pentecostes, em que a multidão sentiu o coração compungido pelo poder do Espírito Santo. Pela autoridade do sacerdócio recebida do seu Mestre, curou, com João, o aleijado, milagre esse que provocou grande perseguição. Presos e levados à presença do sinédrio, falou sem temor defendendo os irmãos. Foi ele quem teve a visão que fez o evangelho ser levado também aos gentios. (Ver Atos 2-4, 10.)

Suportou correntes e cárceres e morreu como mártir, em testemunho daquele que fizera dele um pescador de homens. (Ver Mateus 4:19.) Permaneceu firme e fiel ao pesado encargo que lhe deu o Senhor ressurreto em suas instruções finais aos onze apóstolos: "Ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo." (Mateus 28:19.) E foi ele quem, em companhia de Tiago e João, voltou à terra nesta dispensação, a fim de restaurar o santo sacerdócio, por cuja autoridade divina foi organizada A Igreja de Jesus Cristo, dos Santos dos Últimos Dias.

Essas grandes obras, além de muitas outras não mencionadas, foram realizadas por aquele Pedro que certa vez negou o Senhor, chorou, arrependeu-se, venceu o remorso, levou avante a obra do Salvador após sua ascensão e ainda participou de sua restauração em nossos dias.

Agora, se alguma pessoa, hoje, negou a fé por palavras ou atos, oro para que ela possa tirar consolo e resolução do exemplo de Pedro. Para ela existe igualmente oportunidade de mudar de rumo e somar sua força e fé à força e fé dos outros na edificação do reino de Deus.

Gostaria de concluir, falando de

um homem que conheci e que se criou amando a Igreja. Quando passou a dedicar-se aos negócios, contudo, começou de fato a negar sua fé, obcecado pela ambição. Sua maneira de viver tornou-se quase que um repúdio à sua lealdade. Então, felizmente, antes de haver ido longe demais, deu ouvidos à voz mansa e delicada que lhe despertou um salutar sentimento de remorso. Ele mudou de vida e hoje é presidente de uma grande estaca de Sião, servindo ao mesmo tempo como alto executivo em uma das grandes corporações industriais internacionais.

Amados irmãos e irmãs que possivelmente estejam afastados da Igreja e seus ensinamentos. Vocês encontrarão muitos ouvidos compreensivos e muitas mãos dispostas a trazê-los de volta ao bom caminho. Haverá sempre corações para acalentar o seu e lágrimas, não de amargura, mas de regozijo.

Possa o Senhor tocá-los com seu Espírito, aumentando-lhes o desejo de voltar, fortalecendo sua decisão de fazer o certo. Que o seu gozo seja perfeito, doce e gratificante a sua paz, quando voltarem para o caminho que, no fundo do coração, sabem ser o certo.

Idéias para os Mestres Familiares
Sugestões de Debate:

Alguns Pontos que Merecem Ênfase. Talvez os queira ressaltar em sua mensagem:

1. *Tenha objetivos nobres.*
2. *Demonstre amor ao Senhor agindo corretamente.*
3. *Some sua fé à edificação do reino.*
4. *Lembre-se de que podemos melhorar nossa vida.*

1. *Externe o que sente com respeito à importância de viver à altura de nosso potencial como filhos espirituais do Pai Celeste. Convide os membros da família a dizer o que pensam a respeito.*
2. *O artigo contém passagens das escrituras ou citações que a família poderia ler em voz alta e debater?*
3. *Seria melhor abordar o assunto depois de conversar com o chefe da casa, antes da visita? O bispo ou líder do quorum têm uma mensagem especial para o chefe da casa concernente a "perseverar até o fim"?*

Prezado Assinante:

Mudou-se ou vai mudar-se?

Avise-nos imediatamente a fim de não ficar sem sua revista.
Recorte a etiqueta de endereçamento que acompanha *A Liahona* e envie-a ao endereço abaixo, com seu novo endereço.

Mande a informação para a Caixa Postal.26023 - CEP 01000
São Paulo - S.P.

TOMAR SOBRE NÓS O SEU NOME

Ardeth G. Kapp



Anos atrás, no início da primavera, minha sobrinha Shelly e eu fomos passear de mãos dadas, pelas margens rochosas de um regato sombreado por majestosas árvores. Pulávamos cuidadosamente de pedra em pedra. As águas murmurantes como que criavam um acompanhamento musical para nossa dança dando um salto, hesitando, dando um passo adiante, saltando novamente e parando por um momento para recuperar o equilíbrio.

Logo fomos atraídas para uma clareira surgida, derrubada de uns velhos choupos cortados havia pouco. Abrindo caminho pelo capim crescido, segurei firmemente a mão de Shelly, enquanto ela cuidadosamente andou em cima de um dos troncos caídos. Observamos delicados brotos verdes perfurando o solo naquele dia de primavera, e a neve recuando para os picos das monta-

nhas. A natureza inteira parecia dar provas das criações de Deus e de seu *imenso* amor a nós.

Continuamos o passeio, até que a brisa do entardecer nos avisou que o dia tão gostoso estava chegando ao fim.

Aproximando-nos do caminhozinho estreito e íngreme que levava a minha casa, soltei a mão de Shelly, deixando-a ir à frente. Nossas mãos se encontraram por um momento, testemunhando o vínculo de afeto formado no calor de um dia de aventuras compartilhadas.

Pouco antes de chegar à clareira perto da casa, paramos. Levantei Shelly para ela poder espiar um ninho de sabiá na curva de um galho.

E no final desse dia memorável, antes de colocar para dormir a garotinha que minha irmã compartilha comigo, ajoelhamo-nos em oração. Ela deu graças ao Pai pelo regato, pelas pedras limosas, escorregadias, a grande árvore caída e o ninho de sabiá. Sentindo renovado apreço por essas mesmas coisas maravilhosas, ajeitei-lhe o cobertor e inclinei-me para um beijo de boa-noite. Enlaçando meu pescoço com os braços, apertou-me e sussurrou:

— Gostaria de que fôssemos da mesma família.

— Shelly, querida, — apressei-me em replicar, — nós somos da mesma família.

— Não é isso. Quero dizer da mesma família. Meu sobrenome é Larsen e o seu Kapp, e isso não é a mesma coisa. Gostaria de que você fosse minha irmã e tivéssemos exatamente o mesmo sobrenome.

Embora sendo bastante novinha, achei que possivelmente se julgaria segura sabendo de nosso relacionamento eterno, se, de alguma forma, conseguisse fazê-la entender a grande verdade eterna.

— Shelly, na verdade nós somos da mesma família. Como sabe, somos todos filhos e filhas do Pai Celestial, sem exceção, e isto faz de nós uma grande família. Somos todos irmãos e Jesus também é nosso irmão, nosso irmão mais velho.

— Qual era o sobrenome de Jesus? — quis saber.

— Nós conhecemos o Salvador como Jesus, o Cristo.

Então, com sua inocência pura de criança, ela se pôs a colocar-nos todos na mesma família, dando-me o sobrenome "Cristo".

— Assim não dá, querida! Não podemos fazer isso.

— Por que não? — insistiu. Querendo mostrar-lhe a natureza sagrada de nossa relação com o Salvador, procurei explicar:

— Acho que é porque às vezes não merecemos. Eu, por exemplo, ainda não me considero digna.

Nisso, apoiando-se nos cotovelos, a garotinha indagou inquisitorialmente:

— O que você anda fazendo de errado? Por que não deixa de fazê-lo? Então poderíamos ser todos uma única família. Poderíamos to-

dos usar o nome dele.

Ponderei a resposta para suas perguntas tão simples. E em minha mente soaram palavras, como se as ouvisse pela primeira vez. Todavia, fazia apenas dois dias que as ouvira na reunião sacramental. Ouvira-as tantas vezes antes, mas agora pareciam diferentes. Era como se as estivesse ouvindo com todo meu coração e alma: "...que desejam tomar sobre si o nome de teu Filho, recordá-lo sempre e guardar os mandamentos que ele lhes deu..." (D&C 20:77.)

Não era exatamente disso que falávamos — da responsabilidade de tomar sobre nós o nome sagrado e comprometer-nos a sempre nos lembrar dele e guardar seus mandamentos?

Embora Shelly parecesse satisfazer-se com a resposta que lhe dei na época, há anos venho buscando compreender melhor a sagrada ordenança na qual renovamos semanalmente o convênio de tomar sobre nós o nome do Senhor. E, como geralmente ocorre aos domingos, o que isso significa nos demais dias da semana, e que diferença faz na vida de uma criança, um jovem, um adulto? Afeta de fato nossa maneira de viver em qualquer época do ano? Deveria afetar nossa vida? Podemos dar-nos ao luxo de considerar passivamente essa sagrada ordenança e permitir que se torne rotineira?

Jesus Cristo veio ao mundo "para ser crucificado por ele, para carregar os pecados do mundo, e para santificá-lo e purificá-lo de toda a iniqüidade;

"Para que, por intermédio dele, todos pudessem ser salvos." (D&C 76:41-42.)

Não existe um meio de resgatar-nos a nós mesmos. Foi Cristo quem sofreu e morreu em expiação por nós. Foi no Jardim de Getsêmani que seu tormento ultrapassou toda compreensão humana, que o peso de nossos pecados o fez sofrer tamanha agonia, dor e tormento, que sangrou por todos os poros, padecendo tanto corporal como espiritualmente. Quando vislumbramos, pelo dom do Espírito Santo, a realidade do Getsêmani, é o seu grande amor que nos dá forças para lutar e sofrer em nossa pequenez para vencer nossos erros.

É-nos possível compreender tamanho amor? É essa expiação que nos pode resgatar, qualificar, redimir,

Não existe meio de resgatarmos a nós mesmos. Foi Cristo quem sofreu e morreu em expiação por nós.

salvar e exaltar, desde que façamos a nossa parte. E a nossa parte é aceitar a expiação de Cristo, arrependendo-nos dos pecados, sendo batizados, recebendo o Espírito Santo e obedecendo a todos os mandamentos.

"Cremos que, por meio do sacrifício expiatório de Cristo, toda a humanidade pode ser salva pela obediência às leis e ordenanças do evangelho." (Terceira Regra de Fé.)

Quando nos tornamos membros da Igreja por ocasião do batismo, comprometemo-nos com o Salvador a tomar sobre nós o seu nome. *Lembramo-nos* diariamente desse convênio batismal e fazemos o que realmente queremos com respeito a esse importante acontecimento?

Você e eu, Shelly, todos nós, dispomos do sacramento, a sagrada ordenança do sacerdócio para nos lembrarmos da expiação do Salvador. Ele nos ajuda a enfocar nosso progresso diário em direção à exaltação. É um lembrete precioso, sagrado, não só no domingo, mas na segunda, terça e quarta; na primavera, verão e outono; nos momentos melhores e também nos piores de nossa vida. O que importa para Shelly, você e eu é que nosso Salvador nos ama intensamente.

Falando do Filho de Deus, lemos em Alma 7:11-12:

"E sofrerá penas, angústias e tentações de toda espécie, e... tomará sobre si as dores e enfermidades de seu povo.

"... e tomará sobre si suas enfermidades, para que suas entranhas se encham de misericórdia, segundo a carne, e para que possa conhecer, segundo a carne, como socorrer o seu povo, de acordo com suas enfermidades."

A visão do Presidente Romney mudou minha vida com respeito à oportunidade que tenho de participar do sacramento. Diz ele:

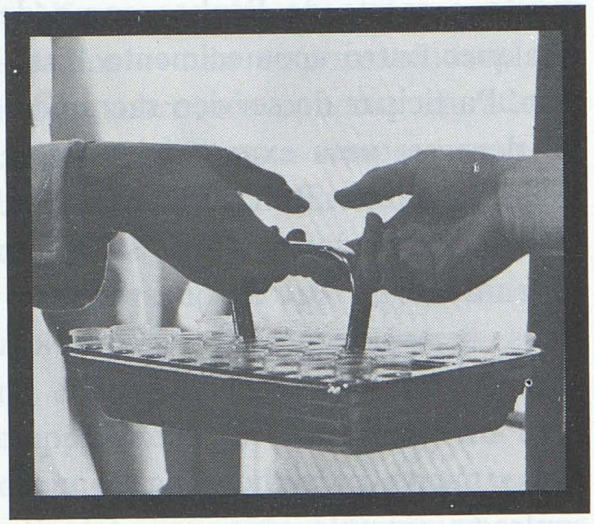
"Participar do sacramento não deve ser uma experiência passiva. *Não* nos devemos lembrar do sofrimento e morte do Senhor como de qualquer outro acontecimento histórico. Participar do serviço sacramental deve ser uma experiência vital e espiritualizante. Referindo-se a ele, disse o Salvador: '...E será um testemunho ao Pai de que vos lembrais sempre de mim.' (3 Néfi 18:4-9.)

"Para testificar, é preciso que nossa mente funcione e esteja concentrada naquilo que se pretende testificar. E não devemos participar dos emblemas do sacramento apenas em lembrança do Redentor, testificando que sempre nos lembramos dele, mas também testificar ao Pai que estamos dispostos a tomar sobre nós o nome de seu Filho e que obedeceremos a seus mandamentos."

"No mundo de hoje, ensina-se que os emblemas materiais do sacramento são transformados na carne e no sangue de Jesus. Nós não adotamos tal doutrina, porque sabemos que qualquer transformação

decorrente da administração do sacramento ocorre na alma de quem dele participa conscientemente. São os indivíduos participantes que sofrem a influência sumamente maravilhosa, pois recebem a companhia do Espírito do Senhor." (*Conference Report,* abril de 1946, p. 47.)

Exatamente, nas horas, irmãos e irmãs, em que você e eu nos sentimos menos dignos, menos merecedores de assumir o seu santo nome e temos consciência mais aguda de



nossas imperfeições; nos momentos em que a carne é fraca e o nosso espírito se desaponta sabendo o que *poderemos* ser, talvez sintamos vontade de nos retrair, afastar e a necessidade de pôr de lado, pelo menos temporariamente, esse relacionamento divino com o Salvador, até nos tornarmos mais dignos. É justamente nesse momento, apesar de nossa indignidade, que nos é dado novamente aceitar o grande dom da expiação — mesmo antes de mudarmos. Quando sentirem vontade de se afastar chegarão até ele? Em lugar de querer resistir, submeter-se-ão a sua vontade?

É nas lutas, enquanto procuramos melhorar, que nosso espírito se curva com mais humildade e gratidão, e estamos melhor preparados para aceitar o dom de que precisamos tão desesperadamente — dom que, de fato, precisamos ter para receber qualquer recompensa eterna.

O propósito do convênio do sacramento está sempre em vigor. Esse dom torna-se mais precioso quando nos preparamos para usá-lo para o fim a que se destina. Agora, eu diria a Shelly: "Sim, querida, ponha meu nome junto ao do Salvador." Ele disse que poderíamos. Ele deseja isso. Quer que nos sintamos à vontade usando seu nome.

E quando vocês e eu sentirmos necessidade imperiosa, esse dom divino consegue penetrar nossa alma para o propósito a que se destina.

Precisamos aproximar-nos do altar sacramental com fome, com fome e sede espiritual de retidão. É um momento para uma auto-avaliação, a hora para corrigir nosso rumo, se necessário, e decidir acertar nossa vida. É a hora e o lugar para um julgamento próprio, para procurar entender melhor a magnitude da expiação, desse dom divino, sagrado, e a realidade de podermos ter sempre conosco o seu Espírito para orientar cada ato de nossa vida.

Ao atingir gradualmente esse nível espiritual, começaremos a sentir

essa participação com a qual concordamos na existência pré-mortal, ajudar a proporcionar salvação e vida eterna a toda pessoa abrangida pelo plano.

Quando o Espírito se torna nosso companheiro constante, transformará completamente os nossos dias; e com seu reflexo em nossa linguagem, em nosso trabalho, na escola, na rua, no mercado, aos poucos nossa conduta tornar-se-á menos egoísta, nosso relacionamento com o próximo mais compassivo e compreensivo, nosso desejo de servir mais constante. E nos veremos procurando fazer sempre o bem. Sem cessar. Então teremos tomado sobre nós não apenas seu nome, mas também sua imagem em nosso semblante. (Ver Alma 5:14.)

Essa experiência já foi feita, até mesmo na época de Cristo. Admitidos no círculo maís íntimo de sua amizade, os primeiros discípulos de Cristo foram-se tornando paulatinamente mais compassivos e compreensivos, e cresceram espiritualmente em força, poder e influência.

Com Paulo, o processo foi mais dramático. A partir do momento em que encontrou o Salvador na estrada de Damasco, suas palavras, atos, carreira e andanças diárias se transformaram.

Teremos nós experimentado um encontro semelhante ou quem sabe de forma menos dramática? Quando isso acontecer, conseguiremos testemunhar milagres, entendê-los melhor e até mesmo participar deles. A vida muda completamente, quando começamos a nos ver mais como o nosso Salvador nos vê. Passaremos a querer ensinar-nos uns aos outros como ele nos ensinaria. Ansiaremos pela espiritualidade de prestar testemunho uns aos outros das coisas das quais ele testifica. E quando nos encontrarmos, será como disse alguém: "Não trocaremos apenas palavras, mas sim almas." E tal troca se dará não só com nossos amigos e entes queridos mas com toda pessoa por cujo bem-estar eterno temos certa responsabilidade. Pelo Espírito nos será permitido ver as coisas não como o mundo as vê, mas como ele as veria. Aprenderemos a atender à voz do seu Espírito.

Falando a um grupo de irmãs que estavam sendo desobrigadas de um cargo na Igreja, disse o Presidente Romney: "Oro que o Senhor as ajude a viver cada dia de modo que possam ter consigo o Espírito do Senhor. É maravilhoso procurar conhecer e procurar viver de tal maneira, que possamos *ouvir* e atender a voz do Senhor. É nisso que reside o consolo desta vida... Atendam à voz do Espírito e tenham o necessário discernimento para saber o que ele diz. Depois, tenham a coragem de seguir esse conselho."

Considerem, o irmão ou irmã que vive ao lado, ou bem perto, em frente ou na outra rua. Vocês conseguem sintonizar-se tanto com o Espírito, a ponto de procurarem ver

nele o que o Salvador vê? Estão dispostos a compartilhar com ele alguma coisa capaz de aliviar seu fardo ou alegrar seu dia, ampliar sua visão ou aumentar sua esperança, e tentam fazê-lo da maneira como o Salvador o faria, no seu entender? Estão dispostos a fazê-lo? Vão fazê-lo?

Com as oportunidades de viver esta semana de acordo com os convênios renovados no sacramento, sentem dentro de si uma força crescente, o desejo ardente e compromisso inadiável de estender a mão ao próximo? Vão considerar seriamente que verdade, que testemunho pessoal poderiam ensinar, ensinar em *sociedade* com o Salvador, mesmo à pessoa sentada ao seu lado, nem que seja totalmente estranha, embora, ainda assim, seu irmão?

Se tentarem sinceramente fazê-lo, sentir-se-ão rodeadas de uma atmosfera terna e gentil. As vozes soarão mais mansas, os corações se enternecerão, um profundo sentimento compassivo se fará presente, e vocês sentirão o Espírito, ao servir em seu nome. Será uma experiência espiritual, o tipo de experiência que almejamos e que podemos ter, lembrando-nos dele e tendo a companhia do seu Espírito.

É procurando servir ao próximo que nos aperfeiçoamos e tornamo-nos mais dignos do seu nome. É nosso trabalho *habitual,* nossas tarefas aparentemente rotineiras e nossos relacionamentos familiares que se tornam indicativos da dignidade de tomar sobre nós o seu nome.

Na igreja, no ônibus, na mercearia, na sala de aula e, principalmente, em casa, procuremos ver um ao outro da maneira como achamos que ele nos veria e, sentindo o divino potencial do próximo, aproveitemos a oportunidade de compartilhar com ele uma verdade eterna que se tornará pessoal, porque o Espírito nos guiou. Nos momentos derradeiros da vida do Salvador, enquanto sofria por nós, ele explicou como podemos ser seus discípulos:

Quando o Espírito se torna nosso companheiro constante, transformará completamente nossos dias... e nos veremos procurando fazer sempre o bem.

"Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis.

"Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros." (João 13:34-35.)

Qualquer ato de nossa vida *pode*

tornar-se um convênio com o Senhor no qual tomamos sobre nós o seu nome. E quando nosso desempenho deixa a desejar, a despeito de buscarmos a perfeição, seremos atraídos mais ansiosamente e com mais profundo sentimento de gratidão que nunca ao altar sacramental, no dia do Senhor, onde podemos sentir a gloriosa transformação e a cura de nosso espírito magoado, ao nos comprometer novamente a continuar tentando segui-lo.

Com um novo dia, nova semana e renovada oportunidade, teremos mais uma oportunidade de sentir mais profundamente, preocupar-nos mais sinceramente, entender mais compassivamente, ensinar com mais propósito, lembrar-nos sempre dele e ter seu Espírito conosco.

Ao segurar a mãozinha de Shelly para um último aperto antes de sair de mansinho do quarto dela naquela noite, fui tomada de um sentimento de gratidão e reverência ao compreender que enquanto sua mãozinha estivera na minha quase a tarde inteira, ao ajudá-la a atravessar o riacho, por entre as rochas e por sobre a árvore, ao levantá-la para ver o milagre da vida desabrochando num ninho de sabiá, aquela criança levou-me a iniciar uma busca que me conduziria a entender melhor uma grande verdade eterna. O Rei Benjamin a explica:

"E agora, por causa do convênio que fizestes, sereis chamados progênie de Cristo, filhos e filhas dele, pois eis que neste dia, ele vos gerou espiritualmente; pois dizeis que vossos corações se transformaram pela fé em seu nome; portanto, nascestes dele e vos tornastes seus filhos e suas filhas." (Mosiah 5:7.)

Todos nós podemos pertencer à mesma família. Se estiverem fazendo algo que não deveriam, pensem na pergunta de Shelly: Por que não deixa de fazê-lo? Pode nem sempre ser fácil, mas, com a ajuda do Senhor, podemos vencer.

"Quanto mais o homem se aproxima da perfeição, mais claros se tornam seus pensamentos e maior é a sua alegria, até conseguir superar todas as coisas ruins da vida e perder toda a vontade de pecar."
(Ensinamentos do Profeta Joseph Smith p. 50)

PERGUNTAS & RESPOSTAS

Perguntas de interesse geral sobre o evangelho, respondidas à guisa de orientação e não como pronunciamento oficial da Igreja.



P. *O que devo ensinar a meus filhos a respeito de como prestar testemunho?*

R. *Susan Smolek, mãe de cinco filhos, conselheira educacional da Sociedade de Socorro da estaca:*

Acho que seria recomendável os pais ensinarem aos filhos o que é um testemunho, por que deve ser compartilhado e quando fazê-lo.

Para os membros da Igreja, o testemunho é uma expressão muito pessoal do que alguém sabe ser a verdade, especificamente testificar a divindade e missão de Jesus Cristo, o chamado de Joseph Smith como profeta e o chamado divino do profeta atual. O *Manual Geral de Instruções* explica: "Todo estímulo deve ser dado à prestação de testemunhos breves e sinceros, e relatos de experiências edificantes. Pregações, longas descrições de viagens, narrativas de experiências compridas e minuciosas, assim como declarações rotineiras e repetitivas devem ser desencorajadas." (Seção 2, *Reuniões,* p. 23.)

A criança não consegue aprender esses princípios verdadeiros simplesmente ouvindo os variados depoimentos adultos na reunião de testemunho. Os pais podem aproveitar a noite familiar e conversas particulares para esclarecer a questão do testemunho aos filhos. Uma boa maneira de começar é perguntar — possivelmente na hora de dormir — o que é o testemunho. Os pais têm a responsabilidade de ajudar a ampliar o entendimento dos filhos, gradualmente, até que saibam o que se pode incluir apropriadamente num testemunho.

Uma criança de seis anos consegue assimilar conceitos simples — como, por exemplo, que não é preciso prestar testemunho em todas as reuniões de jejum. A criança consegue entender que "eu amo mamãe" — por mais gratificante que seja ouvi-lo — não é um testemunho do evangelho. Pode aprender também a expressar o que lhe vai no coração, em lugar de usar frases feitas que perdem o sentido pela repetição. Se ensinado desde a infância, o adolescente compreende a diferença entre uma experiência edificante e alguma "aventura" no acampamento.

As crianças podem aprender também por que se deve prestar teste-

munho. Ainda bem novinhas, elas conseguem compreender que devem prestar testemunho, quando o Espírito Santo as inspira a dizer o que sabem ser verdade. Seria ideal que a agenda da reunião de testemunho e jejum fosse dirigida pelo Espírito Santo. Por isso, pais e professores devem ter cuidado ao desafiar a família ou classe inteira a prestar testemunho numa mesma reunião. As crianças jamais devem ser ensinadas a prestar testemunho por causa de pressões do grupo, ou para impressionar vovô ou vovó, um namoradinho ou agradar a um professor.

Quando a criança deve prestar testemunho? Muitas crianças acreditam erradamente que só têm a oportunidade de prestar testemunho na reunião de testemunho. Os pais podem mostrar-lhes, pelo exemplo, que há muitas outras ocasiões. Se os pais freqüentemente prestam testemunho de algum princípio do evangelho em particular durante conversas em família, as crianças também passarão a expressar o que sentem em conversas sobre o evangelho. Se o pai conta, na hora do jantar, que prestou testemunho acerca de profetas vivos a um colega de trabalho, as crianças serão encorajadas a compartilhar o que sabem com seus amiguinhos não-membros. Os pais podem, ainda, reservar oportunidade para prestar testemunho durante a noite familiar.

Como em todo ensinamento do evangelho, os pais devem procurar ensinar princípios corretos de maneira positiva, ressaltando, por exemplo, que a criança se está saindo bem, mesmo enquanto procuram ampliar seu entendimento. E podem permitir-lhe aprender a prestar testemunho na privacidade do lar. Dessa maneira, a criança aprenderá como e quando prestar testemunho em conversas particulares e no ambiente mais formal da Igreja.



P. *Se sabêmos, por revelação, que Cristo nasceu a 6 de abril, por que continuamos a comemorar o Natal tradicional cristão?*

R. *Roger A. Hendrix, consultor pedagógico do Sistema Educacional da Igreja, Califórnia Sul; membro da presidência da Estaca Palos Verdes Califórnia.*

No decorrer dos anos, tem variado o conceito acerca da informação fragmentária em questão. Em *Jesus, o Cristo,* o Élder James E. Talmage aventa a possibilidade de o Salvador haver nascido no dia 6 de abril do ano I A.C. Ele baseou sua conclusão no fato de que Cristo nasceu na primavera, e em Doutrina & Convênios 20:1, que diz que a Igreja foi organizada "mil oitocentos e trinta anos depois da vinda de nosso Senhor e Salvador Jesus Cris-

to na carne". E a organização formal da Igreja deu-se no dia 6 de abril.

Por outro lado, diz o Élder Hyrum M. Smith, na primeira edição de *Doctrine and Convenants Commentary:* "A organização da Igreja em 1830 não deve ser encarada como autoridade divina ao calendário comumente aceito... Tudo o que essa revelação (D&C 20:1) quer dizer é que a Igreja foi organizada no ano comumente aceito como 1830 A.D. Em sua obra *Our Lord of the Gospels,* o Presidente J. Reuben Clark Jr. ex-conselheiro na Primeira Presidência, declara não poder ainda propor nenhuma data legítima para o nascimento do Salvador.

E como que desestimulando um envolvimento excessivo nessa questão, diz o Élder Bruce R. McConkie, em *The Mortal Messiah:* "Não cremos ser possível com nosso atual nível de conhecimento — incluindo o que se sabe dentro e fora da Igreja — estipular *decisivamente* a verdadeira data de nascimento do Senhor Jesus."

Por que, então, acompanhamos a celebração do Natal tradicional cristão?

Realmente, segundo o historiador Daniel Boorstin, nos primeiros anos do século XIX, a comemoração do Natal não passava de festejos informais. Era esse tipo de Natal que Joseph Smith e muitos santos da Nova Inglaterra conheciam. Como o Natal era uma festividade mais popular que religiosa, provavelmente nem chegou a ocorrer aos primitivos santos a instituição de uma data alternativa.

Contudo, a partir dos meados do século passado, o Natal começou a apresentar uma conotação religiosa maior. Por volta da uma da madrugada do dia 25 de dezembro de 1843, o Profeta foi despertado por uma serenata de cantos natalinos da parte de alguns membros imigrantes ingleses. Aparentemente, os europeus haviam transformado o Natal em festividade religiosa, e esses imigrantes estavam apenas continuando uma tradição sua em Nauvoo. O Profeta reagiu favoravelmente a essa ocasião, lembrando que "causou-lhe n'alma um tremor de emoção... e senti-me induzido a agradecer sua visita ao Pai Celestial, e os abençoei em nome do Senhor".

Hoje, o Natal é mundialmente aceito como celebração do nascimento do Salvador, sendo apropriado que nos unamos aos nossos semelhantes nessa comemoração. Diz o Élder Bruce R. McConkie, em *Mormon Doctrine:* "Os santos... participam da parte salutar das comemorações do Natal. O Natal torna-se para eles uma oportunidade ideal para renovar a busca da legítima doutrina do seu nascimento como Filho de um Pai Imortal, fato que lhe permitiu completar a expiação infinita e eterna."

Diante desses fatos, o que realmente importa é que comemoramos o nascimento do Salvador. Não é incomum que acontecimentos religiosos ou seculares sejam celebrados em data diversa daquela na qual realmente se deram. O povo de Utah, por exemplo, comemora a chegada dos pioneiros ao Vale do Lago Salgado no dia 24 de julho. Na realidade, os primeiros santos chegaram lá no dia 21 de julho; no dia 24, chegou Brigham Young, o profeta.

Se um dia a revelação nos recomendasse a celebração do nascimento de Jesus em outra data específica, nós o faríamos com prazer. Mas até então, a comemoração do Natal tradicional com outros cristãos no mundo serve a um excelente propósito.

COMO DESCOBRI O AMOR DE DEUS

Maureen Derrick Keeler

Nos últimos anos, as escrituras que falam do amor de Deus vêm representando muito para mim. Sendo verdades expressas em linguagem muito bela, elas me afetam em diversos sentidos, tanto espiritual como intelectualmente. O mais importante, porém, é que elas me atraem por estarem ligadas a importantes acontecimentos espirituais de minha vida.

Uma dessas experiências aconteceu já tarde da noite, numa atarefada época de festas. Eu estava buscando apressadamente uma escritura para meu discurso na sacramental do domingo seguinte. Minha cabeça fervilhava de preocupação com parentes prestes a chegar, preparativos não terminados para o feriado e o caos reinante em nossa casa. Fiquei pensando como fora tola em aceitar a designação do bispo quando me pediu que fizesse um discurso justamente numa época tão corrida. Depois de longa busca infrutífera, finalmente acabei dando no capítulo onze de 1 Néfi, que descreve em pormenores a extraordinária visão de Néfi sobre o nascimento e missão terrena do Salvador. Não sei dizer por que em leituras anteriores não fui tocada por essa visão, mas naquela noite, o sentido destas palavras me atingiu profundamente. Néfi escreveu alegremente:



"E disse-me o anjo: Eis aqui o Cordeiro de Deus, sim, o Filho do Pai Eterno. Sabes tu o significado da árvore que teu pai viu?

"E eu lhe respondi, dizendo: Sim, é o amor de Deus que se derrama nos corações dos filhos dos homens; é, portanto, *a coisa que mais se deve desejar*.

"E falou-me, dizendo: Sim, *a coisa*

de maior gozo para a alma." (1 Néfi 11:21-23; grifo nosso.)

As palavras pareceram-me um tesouro recém-descoberto. Pela primeira vez, entendi claramente o significado da árvore de alvos frutos. O fruto que era tão irresistivelmente doce, representava o irresistivelmente doce amor de Deus.

Enfim, encontrara o tema do meu discurso, além da força para vencer os dias trabalhosos que tinha à frente. Que aumentassem as pressões e as compras apressadas; meu coração fora mais uma vez confortado e fortalecido pelo amor de Deus.

Todavia, o principal efeito daquela frenética busca noturna foi a redescoberta de uma preciosa lembrança — minha descoberta pessoal do amor de Deus.

Quando solteira, já mais perto dos trinta que dos vinte anos, estivera reexaminando o rumo de minha vida e considerando algumas importantes modificações. Um aniversário não desejado me fazia sentir mais velha do que queria ser e, como muitos membros solteiros da Igreja, achava que malograra em atingir algumas metas pessoais importantes. Senti necessidade de uma orientação específica do Senhor, assim, pela primeira vez em minha vida, solicitei uma bênção de um líder do sacerdócio. O bondoso líder a quem me dirigi, preparou-se jejuando e sugeriu que eu fizesse o mesmo. Reunimo-nos bem cedo numa radiosa manhã de domingo.

Enquanto ele proferia a bênção, fiquei ouvindo atentamente em busca de respostas e soluções. Para meu desapontamento, entretanto, o Senhor sabiamente deixou-me encontrar meu próprio caminho. Ao invés de mostrar o rumo ele me abençoou com o de que eu realmente precisava, um testemunho pessoal do amor de Deus por mim. A bênção falara da atenção específica de Deus para com minha vida e problemas. E ao me lembrar de exemplos de sua constante influência, o Espírito confirmava sua veracidade. Meu coração transbordou de amor e gratidão nascidos de algum lugar oculto dentro de mim. Pela primeira vez, sentia realmente o amor de Deus e pude corresponder-lhe não só com minha lealdade, mas com meu próprio amor a ele.

Tenho ponderado freqüentemente os efeitos daquela experiência. Como podia o conhecimento do amor de Deus emprestar tamanha e constante força a minha vida? Para mim, a maravilha era a proximidade de Deus, sua plena percepção de meus mais secretos ais e temores, até mesmo de meus conturbados pensamentos noturnos. Eu não estava só! Foi o amor dele que me capacitou a esquecer minhas preocupações e saber que, embora não houvesse logrado atingir certas metas como queria, o plano de Deus, fosse qual fosse, seria melhor que o meu.

Pouco depois dessa experiência, o bispo convidou-me a falar na reunião sacramental. Aceitei de bom grado, e na véspera da reunião estava com o discurso pronto — bem estruturado, lógico, inteligente, cuidadosamente amparado por escrituras condizentes e citações intelectuais.

No sábado à noite, meu bispo, que parecia ser guiado pelo Espírito nas menores coisas, telefonou.

— Quando falar amanhã, não faça um discurso preparado. Fale do que lhe vai no coração.

— Mas gastei um tempão preparando um belo discurso!

Ao que respondeu com firmeza:

— Quero que fale o que sente no coração.

Não foi fácil abandonar meu discurso tão bem preparado. Contudo, ao procurar atentar para os influxos do Espírito, finalmente me ocorreu o óbvio: Eu devia falar do meu recém-adquirido testemunho do amor de Deus. Compartilhar uma experiência tão pessoal e sagrada com toda a congregação não seria fácil.

Embora fosse professora experimentada, naquele domingo dirigi-me ao púlpito com o coração palpitando forte. Comecei falando do meu despertar para o amor de Deus. Ao descrever o conforto e confiança que passei a sentir, recorri às imagens de segurança e conforto desta escritura:

"Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados! Quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha os seus pintos debaixo das asas." (Lucas 13:34.) Para mim, esta imagem ilustra melhor que quaisquer outras a natureza sábia e terna do amor de Deus.

Escolhi outra escritura que especifica a disponibilidade do amor divino: "Achegai-vos a mim e eu me achegarei a vós; procurai-me diligentemente e me achareis; pedi, e recebereis; batei, e abrir-se-vos-á." (D&C 88:63.)

Mesmo sendo muito difícil para mim, o impacto do meu discurso sobre mim e outros foi bem maior que o de muitos outros que tenho feito. Aquelas escrituras nunca me pareceram tão belas e significativas como naquele dia; nunca sentira tamanha convicção de que estava falando a verdade no púlpito.

Só recentemente descobri no Livro de Mórmon outra emocionante imagem poética do amor de Deus:

"Ó todos vós, que sois puros de coração. Levantai vossas cabeças e recebei as palavras agradáveis de Deus. Regozijai-vos em seu amor! Pois podereis fazê-lo para sempre, se vossas mentes forem firmes." (Jacó 3:2.) Senti-me imediatamente emocionada pela riqueza da palavra "regozijai-vos". Com esta simples palavrinha, Jacó conseguiu transmitir a extensão do amor de Deus.

Ler esta passagem de Jacó é uma experiência bem mais profunda para mim hoje do que seria vinte anos atrás. Desde aí, a vivência e revelação pessoal ensinaram-me muita coisa a respeito do amor de Deus. Aprendi que seu amor é abundante e infalível. Aprendi também que sem a fome desse amor e o desejo de procurá-lo, talvez nunca o conheçamos.

Mas sei também, com toda certeza, que, se formos firmes no evangelho, podemos regozijar-nos para sempre no amor de Deus.

Prezado Assinante:

Mudou-se ou vai mudar-se?

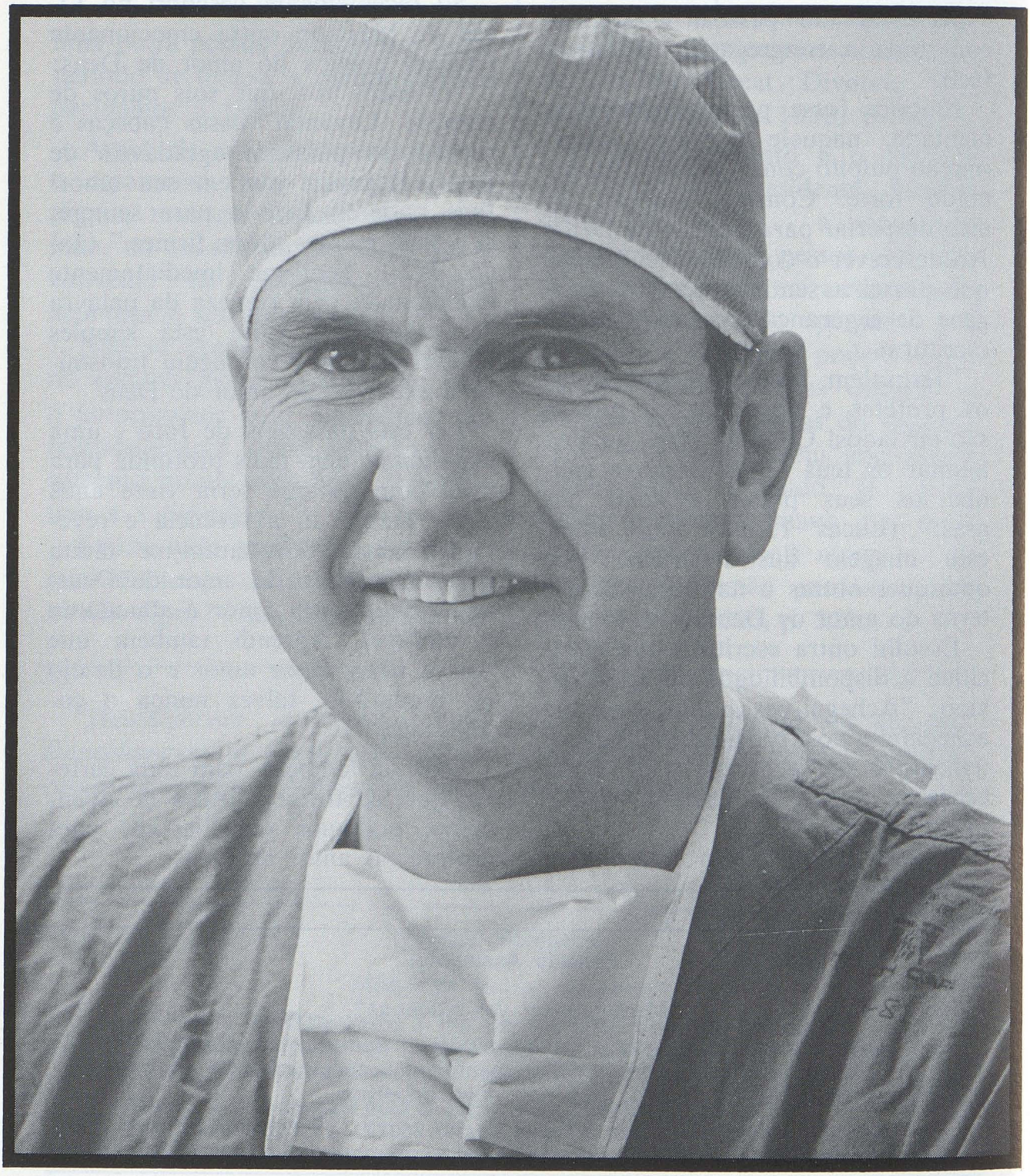
Avise-nos imediatamente a fim de não ficar sem sua revista.
Recorte a etiqueta de endereçamento que acompanha *A Liahona* e envie-a ao endereço abaixo, com seu novo endereço.

Mande a informação para a Caixa Postal.26023 - CEP 01000
São Paulo - S.P.

RUSSEL M. NELSON: UM EXEMPLO DE OBEDIÊNCIA

Lane Johnson

Russel M. Nelson, como é visto freqüentemente por seus pacientes, pronto para uma cirurgia.



Na mesa cirúrgica profusamente iluminada e totalmente cercado por equipamentos reluzentes, está deitado um homem de sessenta anos, coberto de lençóis verdes especiais que deixam uma grande abertura retangular sobre o centro de seu tórax e outra sobre a coxa esquerda.

O Dr. Russel M. Nelson reúne-se aos sete outros membros da equipe cirúrgica na sala — o residente sênior em cirurgia; a instrumentadora; o anestesista; um especialista em coração-pulmão artificial e outro em computador; além de mais duas enfermeiras, uma delas a encarregada da sala de cirurgia. Como observador, postei-me um pouco distante, envergando roupas esterilizadas depois da devida assepsia.

Tomando posições, começam a trabalhar com um bom-humor que choca um pouco o novato. O residente sênior abre uma incisão de trinta centímetros ao longo do esterno com um só movimento preciso, aplicando imediatamente um cauterizador que fecha os numerosos pequenos vasos sangüíneos que tinham começado a sangrar no corte.

Enquanto isso, o Dr. Nelson faz uma incisão na perna esquerda em busca da veia que será removida. A cirurgia em questão será de ponte de safena quádrupla; em outras palavras, a colocação de quatro desvios em artérias que irrigam o músculo cardíaco do paciente. E esses desvios serão feitos com a veia retirada da coxa. Ouve-se o ruído de tesouras e mais cauterização. Dou uma saída imprevista até o corredor para respirar ar fresco e reforçar minha decisão de continuar até o fim.

A seguir, ouve-se o zumbido de uma serra elétrica. Voltando à sala, colocam-me à cabeça da mesa operatória, de onde vejo claramente o esterno do paciente serrado ao meio, no sentido do comprimento, com um engenhoso instrumento afastador colocado na fenda. Manivelas e alavancas abrem o afastador, e lá, entre as costelas afastadas do paciente, está seu coração palpitante.

Música suave inunda a sala. O olhar do cirurgião não revela nenhum sinal de alarma ou dramaticidade — apenas deliberada concentração. Com o prosseguimento da operação, sinto magnética fascinação que me faz esquecer o tremor nos joelhos.

Após mais de uma hora de labuta incessante, três desvios ou "pontes" foram implantados na aorta. De repente, cai a pressão sangüínea, para surpresa de todos. Fazendo um diagnóstico imediato, o Dr. Nelson aponta para um grampo que deveria ter sido deixado num dos muitos tubos nesse ponto crítico da cirurgia. Ele é imediatamente recolocado — um pequeno engano, mas que poderia ter conseqüências sérias.

"Ainda gosto de você", diz à pessoa responsável pelo erro. Há um movimento de cabeça demonstrando apreciação. Depois, acrescenta secamente: "Só que às vezes gosto mais que outras..."

Todos os olhares têm um ar de sorriso. Está claro quem controla a operação. Ele mantém uma atmosfera leve que deixa toda a equipe à vontade. Mas há também a exigên-

cia tácita de constante concentração. Mais tarde, o Dr. Nelson comenta:

"É uma questão de extrema autodisciplina. Uma vida humana depende inteiramente de toda a equipe cirúrgica. Por isso, precisamos manter-nos muitos calmos e tranqüilos, porém alerta, como vocês sempre estiveram.

Quatro horas se passaram, e a operação está para terminar. O coração-pulmão artificial foi desligado, e o coração volta a bater depois de levar uns leves choques com eletrodos; os desvios, conduzindo um novo suprimento de sangue ao músculo cardíaco, foram examinados em busca de eventuais vazamentos. O coração está batendo regularmente, e as condições do paciente são estáveis. Então se lembram dos familiares preocupados do paciente e uma das enfermeiras pega o telefone: "Já desligamos o aparelho, fizemos quatro desvios. O Dr. Nelson descerá dentro de uns quarenta e cinco minutos."

Nos Estados Unidos, fazem-se cerca de cem mil operações externas de coração como essa. Nos mais de trinta anos de pioneirismo nesse campo, o Dr. Nelson viu a tecnologia ligada à cirurgia de coração externa e a perícia dos cirurgiões avançar a tal ponto, que menos de dois por cento dos pacientes não

O Irmão Nelson com a esposa e alguns filhos e netos.



saem vivos do hospital.

Ele iniciou seu treinamento médico em 1942, no segundo ano na Universidade de Utah, e desde aí desenvolveu uma visão sumária da medicina extremamente simples: "Ao examinar o problema de um paciente", diz ele, "o médico precisa responder a uma questão decisiva: A condição do paciente promete melhorar com o tempo, ou ficará pior? A função do médico é reverter o processo de *piora* em processo de *melhora* com a passagem do tempo."

No desempenho dessa função, diz ele, o clínico ou cirurgião deve entender que não dispõe em si mesmo de poder curador. Ele depende tão-só dos poderes curativos de origem divina e independentes do tempo do organismo humano. E passa a citar Doutrina & Convênios: "Há uma lei irrevogavelmente decretada nos céus, desde antes da fundação deste mundo, na qual se baseiam todas as bênçãos.

"E quando de Deus obtemos uma bênção, é pela obediência àquela lei na qual a bênção se baseia." (D&C 130:20-21.)

"Em outras palavras", prossegue, "sempre que se consegue uma bênção é porque uma lei foi cumprida. E isto funciona *sempre,* e não quase sempre, de vez em quando, mas sempre, sem exceção. Isto retira a pressão da pessoa disposta a estudar as leis que regem o corpo físico e a obedecer a elas. Do contrário, seríamos loucos de levar esses pacientes à beira da morte e recuperá-los todos os dias."

Enquanto estudava medicina na Universidade de Utah, ele conheceu sua futura esposa, Dantzel White. E lembra-se vividamente de como se sentiu.

"Achei-a a mais linda garota que já conhecera e senti que era com ela que iria casar-me", diz ele. Dantzel sentiu o mesmo. Ao voltar para casa em Perry, Utah, ela comunicou aos pais que encontrara o rapaz com quem queria casar-se. Três anos mais tarde, eles casaram-se no Templo de Salt Lake.

Iniciando o curso de medicina na universidade em 1944, Russel terminou o curso de quatro anos em três. Seguiu-se o estágio como interno no Hospital da Universidade de Minnesota, onde, além do treinamento cirúrgico normal, iniciou estudos para o doutorado. Além disso, integrou uma equipe agraciada com uma bolsa de pesquisa de cinco anos para o desenvolvimento de um aparelho capaz de assumir as funções respiratória e cardíaca do paciente enquanto seu coração fosse operado. Enfrentaram problemas enormes, mas, após quase três anos de esforços, o aparelho estava pronto para entrar em uso.

Em 1951, foi usado pela primeira vez num ser humano, numa cirurgia externa de coração.

Cumprido o longo período de aperfeiçoamento médico-cirúrgico, Dr. Nelson e Dantzel voltaram para a Cidade do Lago Salgado com a família, composta de quatro filhas e um quinto a caminho. Como professor-assistente de cirurgia na Faculdade de Medicina da Universidade de Utah, ele continuou pesquisando, ensinando e operando.

Aqueles primeiros tempos de cirurgias externas de coração eram, conforme diz, "como navegar por um mar desconhecido", com momentos de euforia e outros de desespero, quando não conseguiam salvar uma vida.

Passados vinte e cinco anos, ele ainda não se tornou insensível ao sofrimento de seus pacientes. "Atualmente, os médicos apresentam alta taxa de sucesso nessas operações", explica. "Mas não podemos salvar a todos — é uma coisa impossível. Às vezes, a única coisa que nos resta é oferecer consolo. Não queremos jamais destruir a esperança. A função do médico é curar, às vezes; amenizar o sofrimento, freqüentemente; mas sempre confortar."

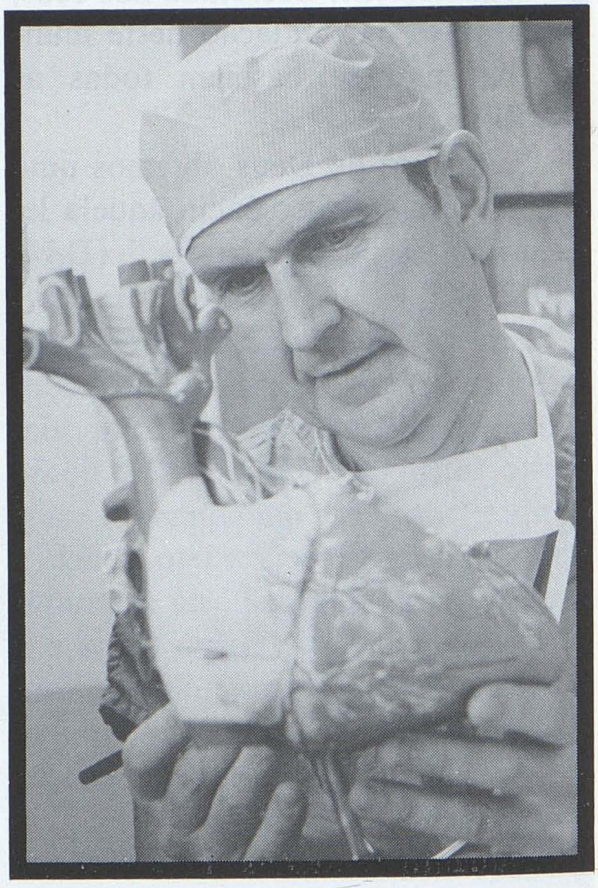
Em 1959, ele deixou a Universidade de Utah, para dedicar-se à clínica particular. E ali estava ele, com trinta e cinco anos e seis filhos, estudando sempre desde que saíra da faculdade, afundando-se em dívidas, a fim de preparar-se devidamente para a profissão que escolhera.

Mesmo assim, foi chamado para o cargo estafante de presidente de estaca. Antes de ser designado, o Irmão Nelson havia mencionado que um de seus mais sérios problemas como cirurgião era a dificuldade de substituição da válvula aórtica. Na bênção, o Élder Spencer W. Kimball, então membro do Quorum dos Doze, prometeu-lhe que sua perícia profissional aumentaria, de modo que teria tempo para servir como presidente de estaca sem prejudicar seus pacientes. Mais tarde, o próprio Élder Kimball se beneficiaria com essa bênção, pois, na cirurgia externa de coração realizada pelo Dr. Nelson em 1972, houve substituição da válvula aórtica.

Em 1965, ofereceram ao Dr. Nelson a extraordinária oportunidade de assumir o cargo de professor de cirurgia e titular da Divisão Cirúrgica Torácica e Cardiovascular de uma outra importante universidade. A oferta incluía um generoso salário e pagamento total dos estudos universitários de todos os filhos, quando chegasse a hora.

Os Nelson estavam inclinados a aceitar a excelente oferta. Antes, porém, de tomarem a decisão que afetaria não só a família mas seu serviço como presidente de estaca, ele foi consultar o Presidente David O. McKay.

Dr. Nelson estuda um modelo aumentado do coração humano.



Exposta a situação, o Presidente MacKay cerrou os olhos, reclinou-se na cadeira e pôs-se a ponderar a questão por algum tempo. Depois, disse:

"Irmão Nelson, não me parece bom. Acho que não deveria ir para Chicago."

"Essa era a resposta de que eu precisava", diz o Dr. Nelson. "Declinamos a oferta generosa, com nosso agradecimento. E assim ficamos em Salt Lake City."

Em junho de 1971, o Dr. Nelson recebeu um telefonema do Presidente N. Eldon Tanner, solicitando sua presença no escritório dele. Foi imediatamente, e lá encontrou também o Presidente Harold B. Lee. (Naquele dia, o Presidente Joseph Fielding Smith estava indisposto.) Os presidentes Lee e Tanner disseram-lhe que gostariam de que aceitasse o cargo de presidente da Escola Dominical da Igreja, desde que não prejudicasse seu trabalho de cirurgião.

Recobrando-se do choque, o Dr. Nelson respondeu que aceitaria qualquer chamado do Senhor, mesmo que o obrigasse a largar a prática da medicina. Mas eles insistiram em que devia aceitar o chamado, somente se não prejudicasse seu trabalho como cirurgião. Foi assim que começaram mais de oito anos de serviço como presidente geral da Escola Dominical.

A operação do Presidente Kimball aconteceu no ano seguinte, no dia 12 de abril. Tudo correu impecavelmente — milhares de manipulações complicadas sem o mínimo erro, de acordo com uma bênção recebida pelo Dr. Nelson sob as mãos do Presidente Harold B. Lee e do Presidente N. Eldon Tanner. Mais extraordinário ainda para ele, foi a impressão de força recebida ao final da cirurgia: "O Espírito me disse que eu acabara de operar um futuro presidente da Igreja", diz ele.

Desde sua desobrigação da presidência geral da Escola Dominical, em outubro de 1979, o Irmão Nelson vem servindo como representante regional do Quorum dos Doze. É um cirurgião muito ocupado, realizando muitas vezes duas cirurgias externas de coração por dia; participa ativamente de associações profissionais e assuntos comunitários; e ainda tem filhos em casa.

Com uma agenda tão sobrecarregada, como ele consegue cultivar uma agradável vida familiar, dispondo de só vinte e quatro horas por dia?

O relacionamento do casal Nelson com seus filhos apresenta uma qualidade toda especial que indica laços eternos. O Irmão Nelson se maravilha com a afinidade natural de Dantzel com os filhos, que vem observando no decorrer dos anos.

De sua vivência como marido e pai, o Irmão Nelson diz que a maior satisfação que pode ter é saber que estamos fazendo o que o Senhor espera de nós. A respeito disso, ele aprendeu uma boa lição numa excursão de balsa no Grand Canyon, quando ele e sua filha Gloria foram lançados fora da balsa quando esta passava por uma grande cachoeira.

"Foi um experiência terrível", conta, "mas ensinou-me a ficar agarrado 'à barra de ferro'. Quando passamos pela cachoeira, primeiro

procurei segurar minha filha, para que não submergisse. Mas, quando fomos arrastados para corredeiras mais fortes, aprendi a agarrar-me fortemente às cordas, enquanto minha filha se agarrava a mim. O mesmo princípio é aplicável na vivência do evangelho. Se o homem se apega à palavra de Deus e é obediente de modo que mereça a confiança dos seus, a família inteira estará segura."

Aos cinqüenta e sete anos, o Irmão Nelson é portador de inúmeros prêmios por serviços meritórios, tanto na esfera médica como no serviço público. Teve a honra de servir como diretor do Conselho Americano de Cirurgiões Torácicos; foi presidente da Associação do Coração de Utah e Associação Médica Estadual de Utah — e a lista continua. Contudo, sua determinação de ser obediente ao Senhor na edificação do reino de Deus supera tudo o mais.

"O Senhor ainda tem um trabalho enorme a realizar na Igreja", insiste ele. "Ele vai precisar de cada alma fiel; não haverá um único santo dos últimos dias *preparado* e *qualificado* que não tenha de arcar com toda responsabilidade que puder suportar."

Sendo obediente ao presidente da Igreja, Russel M. Nelson fica atônito ouvindo alguém perguntar: "Será *mesmo* a vontade do Senhor que façamos tudo o que o Presidente Kimball diz?"

"O Senhor disse: 'Seja pela minha própria voz ou pela de meus servos, não importa' (D&C 1:38)", nos lembra o Dr. Nelson. "Tenho por experiência que, quando deixamos de colocar um ponto de interrogação nos pronunciamentos do profeta, substituindo-os por pontos de exclamação, e *seguimos* seus conselhos, as bênçãos vertem sobre nós.

"Eu nunca me pergunto: 'Quando o profeta fala como profeta e quando não?' Meu interesse é: 'Como posso parecer-me mais com ele?' "



O Élder Nelson numa reunião com presidentes de estaca, em sua função de representante regional dos Doze.

MANTER O EQUILÍBRIO: RECONHECER E RESISTIR

O. Don Ostler

É maravilhosamente confortante saber que nosso Pai Celeste tem por objetivo guiar e ensinar-nos, enquanto procuramos tornar-nos seres perfeitamente equilibrados como é o Salvador.

Em fins de abril de 1981, era lançado ao espaço o primeiro "ônibus" espacial, que ficou circulando a terra em sua órbita, por dois dias, submetido à primeira de diversas experiências severas para testar seu desempenho e autonomia de vôo.

Na Base Aérea Edwards, na Califórnia, esperávamos ansiosos a reentrada na atmosfera e aterragem do Colúmbia. A precisão da aterragem foi excepcional. Deslocando-se à velocidade de 29.000 km por hora, a nave espacial atravessou a atmosfera, reduziu devidamente a velocidade e aterrou perfeitamente numa pista de algumas centenas de metros de largura e poucos quilômetros de extensão — um mero pontinho em nosso planeta.

Em certo sentido, nossa jornada da preexistência como filhos espirituais de pais eternos, passando pela experiência terrena e finalmente de volta às esferas celestes, é como a viagem do Colúmbia. Durante essa jornada, precisamos adquirir a espécie de experiência e conhecimento que nos capacite a voltar para Deus — a nos conduzir de maneira que possamos alcançar nosso potencial eterno. Tudo o que fazemos aqui influenciará como e onde pousaremos lá.

Infelizmente, muitos encontrarão dificuldades em reingressar nas esferas eternas, acabando alguns no

mundo telestial, outros no mundo terrestrial e uns poucos no mundo celestial. Esse pouso, penso eu, depende em grande parte de nossa capacidade de alcançar um equilíbrio inspirado na vida.

O desempenho do Colúmbia foi muito bom, porque não sofreu nenhum desequilíbrio maior. Dirigida por peritos, a nave felizmente alcançou o equilíbrio certo de velocidade, rumo e tempo para ingressar no espaço, cumprir seu programa sem falhas e voltar em segurança. Como membros de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, entretanto, temos orientação mais segura ainda, porque provém de Deus, autor de nossa salvação espiritual. Temos as escrituras e o Espírito como guia, além de profetas para nos conduzir na jornada mortal. Como porta-voz do Senhor, o Presidente Spencer W. Kimball nos diz como assegurar nossa salvação.

Todavia, por mais direto e claro que seja o conselho do profeta, às vezes tendemos a nos desviar. Alguns membros querem seguir o profeta quando lhes convém, ignorando-o quando requer sacrifício ou comprometimento maior. Outros, esquecendo-se da simplicidade do evangelho, dão importância exagerada a certos aspectos em detrimento de outros. Outros ainda complicam a orientação recebida, toldando a clareza das diretrizes divinas e prejudicando seu senso de equilíbrio espiritual. Alguns até se tornam vítimas de rumores, fanatismo, virtudes distorcidas, valores falsos e pseudo-compromissos religiosos.

Minha experiência convenceu-me de que muitos seres humanos são vulneráveis às especulações,. e os santos dos últimos dias não estão imunes ao problema. "Você ouviu?", "Sabia que. . . ?", "Se prometer manter segredo, vou contar-lhe o que eu soube!" São meios garantidos de despertar nosso imediato interesse. Geralmente, o que segue são boatos, meras especulações sobre quem será o próximo bispo ou presidente de estaca até o início do Milênio.

Todavia, os profetas nos aconselham com todo cuidado. Cheios de fé e esperança, eles conhecem Deus e compartilham conosco sua inspiração. Além do mais, sempre podemos verificar a origem dessa inspiração, dando ouvidos ao Espírito. Venho notando, infelizmente, que muitos de nós somos propensos a excessos em diversos sentidos. Alguns comem demais, por exemplo, enquanto outros não se importam com uma alimentação sadia. Alguns dormem em excesso, outros muito pouco. Alguns não ligam para os devidos cuidados com o corpo e seu condicionamento, enquanto outros quase que idolatram o corpo físico. Devemos, sem dúvida, manter-nos atualizados o quanto pudermos com respeito à saúde e cuidados com o corpo, mas creio que o Senhor também espera de nós certa dose de sabedoria e bom senso. As palavras-chave são equilíbrio e moderação — aplicando sabiamente todas as verdades que conhecemos e não dando ênfase exagerada a somente uma delas.

O equilíbrio exerce um importante papel na recreação e entretenimento. É verdade que só trabalho sem nenhum divertimento deixa a gente

obtuso; por outro lado, se ligarmos só para as diversões, em detrimento de nossas responsabilidades para com a família, o trabalho e seu desenvolvimento espiritual, tornar-nos-emos irresponsáveis, preocupados apenas com nosso prazer. A pessoa pode negligenciar sua família ou então, com seu mau exemplo, induzir os filhos a sobrepor as diversões e posses materiais ao trabalho ou consideração para com o próximo.

Alguns membros querem seguir o profeta quando lhes convém, ignorando-o quando requer sacrifício ou comprometimento maior.

Falando de moderação, dizia o Presidente Joseph F. Smith: "Os santos não devem ser imprudentes e, sim, compreender a vontade do Senhor, e usar de moderação em todas as coisas. Devem evitar os excessos e cessar de pecar, afastando-se das concupiscências dos homens; e adotar, em seus divertimentos e passatempos, uma conduta que satisfaça tanto o espírito como a letra, que considere a intenção e não o ato em si, o todo e não uma parte, que é o significado da moderação. Desse modo, procederão com sensatez e dignidade, e lhes será fácil compreender a vontade do Senhor." *(Doutrina do Evangelho,* capítulo XIV, página 217.)

Até mesmo na prática da religião, é possível que nos desequilibremos, especialmente quando concentramos todos os nossos esforços numa área, enquanto ignoramos outros compromissos igualmente importantes. O estudo das escrituras, procurar ser bons pais, prestar serviço ao próximo e os chamados na Igreja, tudo exige parte de nosso tempo. Dar ênfase a um aspecto em detrimento dos demais significa que não estamos fazendo o que o Senhor espera de nós. Ele ensina que devemos fazer uma coisa sem omitir as outras. (Ver Mateus 23:23.)

Às vezes, nossas reuniões de quorum e aulas de Doutrina do Evangelho transformam-se em foruns de debate em lugar de serem instrumentos para desenvolvimento espiritual e prestação de serviço. Enquanto debatemos opiniões, às vezes deixamos de considerar de que forma satisfazer as necessidades da viúva, do doente e do que sofre.

O Senhor declara que "os homens devem-se ocupar zelosamente numa boa causa, e fazer muito de sua própria e livre vontade, e realizar muito bem". (D&C 58:27.) O reino será edificado por pessoas que dão liberalmente de seu tempo, talentos e recursos. Hoje existem grandes necessidades na Igreja — em todo o mundo, serviço missionário e contribuições para o fundo missionário, ordenanças nos templos e edificação

de templos, generosas ofertas de jejum e interesse genuíno pelo pobre, pela educação e instrução da família. As necessidades podem diferir de uma estaca para outra, mas nem por isso são menos importantes. Dentro de cada estaca, algumas necessidades podem ser diferentes, mas não menos importantes. Um bom ensino familiar e trabalho de professoras visitantes, serviço de solidariedade, visitas a enfermos, serviço cristão, liderança eficiente e um ensino excelente são necessidades constantes em toda a parte.

Às vezes nossas reuniões de quorum e aulas de Doutrina do Evangelho transformam-se em foruns de debate, em lugar de serem instrumentos para o desenvolvimento espiritual e prestação de serviço.

Perguntemos a nós mesmos: Como estou usando meu tempo, meus talentos e recursos materiais? Estamos em dia ou deixamos de atingir a meta por dedicar tempo excessivo à parte secular, aplicando meus talentos exclusivamente na profissão e usando meus recursos somente em prazeres egoístas? Estou seguindo os puros ensinamentos do Salvador?

As tentações são muitas vezes sofisticadas e sutis. Concentrando-nos em nossas fraquezas, elas nos atingem justamente na hora em que somos mais vulneráveis ao seu poder. Desta maneira, o tentador procura destruir o equilíbrio em nossa vida e afastar-nos do caminho que nos conduzirá de volta a Deus.

Quando apareceu aos nefitas, o Cristo ressurreto lhes perguntou: "Que classe de homens devereis ser?" e a seguir, ele próprio deu a resposta: "Em verdade vos digo que devereis ser como eu sou." (3 Néfi 27:27.)

Todos lutamos com problemas e tentações, excessos e deficiências na busca de equilíbrio. Não há quem não precise da força emanada do conhecimento de que Jesus Cristo é o nosso Salvador pessoal e literal, cuja expiação e graça salvadora nos possibilita vencer a morte física e espiritual e perseverar até o fim, e voltar para o nosso lar eterno. É maravilhosamente confortante saber-se que nosso Pai Celeste tem por objetivo guiar e ensinar-nos, enquanto procuramos tornar-nos seres perfeitamente equilibrados como é o Salvador.

Carros tocavam as buzinas, táxis e ônibus disputavam um lugar no tráfego intenso. Sentado na praça do mercado observando os carros passarem, Benjamin Misalucha enxugou com o lenço a testa suada. Esperava que sua mulher terminasse logo as compras. O tempo estava quente e úmido como acontece freqüentemente nas Filipinas, e por isso não via a hora de ficar à vontade, em casa, brincando com as crianças.

Então notou um cartaz, no alto de um dos prédios que davam para a praça. "Nenhum sucesso compensa o fracasso no lar", dizia o cartaz. Ficou a contemplar a mensagem acreditando em sua veracidade.

"Naquele tempo eu era moço, tinha uns trinta anos e quatro filhos. Em comparação com outros filipinos, tínhamos relativamente tudo, mas, mesmo assim, não estava satisfeito com minha vida. Lá no íntimo eu sabia que continuava buscando

O SEGREGO DE CEBU

Richard M. Romney



Benjamin e Avelina Misalucha.

alguma coisa mais", explica.

Ele não sabia que a citação do Presidente David O. McKay havia sido colocada ali por missionários que moravam no prédio, o mesmo tipo de missionários mórmons que o haviam visitado durante três semanas quando morava em Manila, capital do país. Ali, em Davao, outra grande cidade mais ao sul, também fora visitado duas vezes, pelos élderes.

Passado pouco tempo, Benjamin Misalucha foi transferido pela empresa farmacêutica na qual trabalhava, para Cebu importante comunidade numa das ilhas centrais. Em Cebu ele e sua família viriam a descobrir o segredo que lhes faltava na vida.

Os Misalucha estavam entusiasmados com seu novo lar. Cebu e seus arredores são importantes na história das Filipinas, pois foi justamente ali que Fernando Magalhães, que procurava circunavegar a terra, introduziu o cristianismo nas ilhas. Na praça da cidade ainda se ergue uma cruz de madeira que se acredita ser a mesma cravada na praia por Magalhães. De 1565 a 1571, serviu de capital para a colônia espanhola; posteriormente, os cebuanos tiveram participação destacada na luta pela independência da Espanha. Durante a 2.ª Guerra Mundial, a cidade de Cebu propriamente dita foi praticamente arrasada em represália a ações dos guerrilheiros. O porto, porém, ficou intacto, e a cidade foi reconstruída. Hoje em dia, Cebu continua sendo um importante centro comercial e entroncamento aeroviário doméstico. Seus cidadãos são um conglomerado de fazendeiros, operários e homens de negócios. Os Misalucha logo perceberam que os cebuanos, como os filipinos em geral, são alegres e sempre dispostos a sorrir e a prestar ajuda.

"Disse-lhe que gostaria de saber mais sobre sua igreja, ao que respondeu que me recomendaria a dois jovens simpáticos capazes de atender ao meu desejo."

"Os filipinos são fundamentalmente gregários", explica Avelina, esposa de Benjamin. "Somos muito ligados à família, como também aos outros filipinos. Compartilhamos experiências e mesmo coisas materiais."

Numa sociedade em que repartir é regra geral, pode parecer incomum alguém ser notado por sua bondade e generosidade. Foi o caso da presidente da Associação de Pais e Mestres (APM) local. Assim que chegaram, ela procurou ajudar a família Misalucha a adaptar-se ao novo meio. Passado pouco tempo, Benjamin Misalucha estava servindo na junta da APM. Descobriu que a presidente era também esposa do bispo mórmon local. Sua curiosidade foi crescendo.

"Um dia, vendo o casal indo para casa, apressei-me em alcançá-los", conta Benjamin. "Disse ao marido que gostaria de saber mais sobre sua igreja, ao que ele respondeu que me recomendaria a dois jovens simpáticos, capazes de atender meu desejo."

Os élderes tornaram-se visitantes regulares na casa de Benjamin Misalucha durante os dez meses seguintes. O dono da casa falou-lhes de seus encontros anteriores com outros missionários, antes de compreender



Família Misalucha.

muito bem quem eram. "Bateram à minha porta e indagaram se eu era o chefe da família. Como estava cansado e suado de trabalhar, respondi-lhes: 'Não, sou apenas o zelador daqui.' É o que costumo dizer brincando à minha família o tempo todo, mas eles acreditaram!"

Avelina sempre oferecia água gelada ou um refresco, um pedaço de bolo ou mesmo de *siopao* (espécie de pão chinês de massa de cevada recheado com linguiça e ovos). E as crianças, naturalmente, que agora eram cinco, divertiam-se mexendo com os missionários e contando piadas antes de começarem a falar seriamente do evangelho.

"Como ainda não acreditava no Livro de Mórmon", diz Benjamin, "eu queria respostas da Bíblia. E eles me mostraram as respostas na Bíblia. Eu ficava perplexo com a maneira como eles sempre achavam respostas para minhas perguntas que eu não fora capaz de encontrar." Pouco a pouco, sua perplexidade deu lugar ao entendimento. Os missionários conseguiam encontrar as respostas, porque conheciam a verdade. Então ele convocou um conselho de família.

"Orem individualmente a respeito disso", pediu à mulher e filhos. No conselho familiar seguinte, todos votaram a favor de se tornarem santos dos últimos dias. A família foi batizada num sábado, 29 de abril de 1978.

"Temos sido abençoados desde que somos membros", diz o Irmão Misalucha. Tendo começado a trabalhar para uma companhia de seguros, seu negócio prospera continuamente, "apesar da manifesta hostilidade de alguns amigos meus. Disseram-me que eu voltaria para minha antiga igreja dentro de dois anos, mas eu encontrei a igreja verdadeira, a Igreja de Cristo. Nossos laços familiares estavam mais fortes. As crianças foram desenvolvendo melhor seus talentos, aprendendo a falar em público e vencendo a timidez. Eu sabia estar seguindo o caminho do Senhor."

Hoje, a família mora num bonito e arejado apartamento, não muito

distante do centro de estaca SUD, em Lahug, um subúrbio de Cebu. São membros da Ala Cebu I, Estaca Cebu Filipinas. O Irmão Misalucha, agora com 45 anos, é presidente do quorum de élderes e líder de música da estaca. Além de lecionar na Escola Dominical, sua esposa é líder de música da Sociedade de Socorro da estaca. A filha mais velha, Bennette, de vinte e um anos, é encarregada do comitê de atividades da estaca e professora de Relações Sociais da Sociedade de Socorro para jovens adultas.

Benson, de dezenove anos, o mais velho dos rapazes, é líder dos Rapazes da estaca e se prepara para sair em missão. Belenda, dezesseis anos, é secretária da Primária da ala; Belmin, quinze anos, é primeiro conselheiro do quorum de mestres, e sua irmã caçula, Benjeline, doze anos, tem "o encargo de cuidar de que todos nos demos bem".

A família continua tomando decisões pelo voto verbal, embora o Irmão Misalucha se reserve a palavra final. "Deixamos que expressem sua opinião", explica a Irmã Misalucha. "Quando surgem problemas, nós os discutimos na noite familiar. Mas nem por isso deixamos de compartilhar também as boas coisas na reunião familiar."

Na opinião de Benjeline, essas boas coisas incluem a música. "Sempre cantamos alguma coisa a quatro vozes, já que dispomos de sopranos, contraltos, tenores e baixos. E quase todos nós tocamos violão ou piano, ou ambos." As noites familiares também incluem uma parte espiritual, ensaios para peças da estaca como "A Escada", projeto de levantamento de fundos para o Templo de Manila, na qual Belmin tinha o papel principal; uma eventual ida ao cinema, na cidade, se houver bom filme; e, em ocasiões especiais, uma visita à pizzaria. "Gostamos muito da nossa comida nativa filipina, como arroz, lula e frutas tropicais", diz Belmin. "Mas também adoramos comer pizza."

A casa dos Misalucha transmite um sentimento de trabalho em equipe. "Cada um de nós tem suas tarefas", explica Belenda, "mas isto não quer dizer que um não ajude o outro nas tarefas de casa, ou lavar a louça etc." Benson, que tem sido o companheiro júnior do pai no ensino familiar, diz: "Não fico constrangido na presença de papai, mesmo quando estou com meus amigos, pois ele é meu amigo também. E Bennette é igualmente minha amiga. Quando tenho um problema na escola, posso contar a ela, que sempre me compreende."

Embora muitos registros municipais tenham sido destruídos durante a última guerra, os Misalucha estão com as folhas das quatro gerações quase completas, e continuam a procurar mais dados genealógicos. Bennette se lembra de haver visitado um cemitério em busca de nomes e datas gravados em lápides, e Benjeline e Benson orgulham-se do seu Livro de Recordações. Belenda escreve regularmente em seu diário pessoal, falando sobre coisas como a nova estaca que está para ser formada na área, do templo que logo será construído em Manila, da ida dos pais à conferência de área onde puderam ouvir pessoalmente o Presidente Spencer W. Kimball.

"Eu escrevo o que sinto, penso, e minhas decisões", diz ela, "e minhas experiências, atividades. . ."

"E suas paixonites!", interrompe a irmã, arreliando, e todos caem na risada.

Bennette, que trabalha como repórter para uma televisão local,

"Sei que se houver problemas ou dificuldades, Deus deu-me uma família para que possa voltar para casa e falar sobre eles."

---

conta que a família a ajuda a suportar as pressões do emprego.

"Ando por aí em companhia de um operador de câmera, registrando os acontecimentos importantes e interessantes na comunidade." Ela já entrevistou o prefeito e outras autoridades locais. "Muitas vezes, porém, sou obrigada a noticiar incêndios, assaltos a mão armada ou roubos, encontrando uma porção de gente que não está contente com o que faz.

"Então, quando se pode voltar para casa, para um ambiente tão gostoso como o de nossa família, a gente fica muito grata ao Senhor. Sei que, se houver problemas e dificuldades, Deus deu-me uma família para que eu possa voltar para casa e falar sobre eles. Meus pais e meus irmãos podem-me ajudar a resolver os problemas. Além disso, fazer tantas coisas em família, como ir à Igreja no domingo ou outras atividades durante a semana, é um grande apoio."

Ela conta que lhe fazem perguntas sobre sua religião, geralmente por recusar o cafezinho oferecido quando faz entrevistas e querem saber o porquê disso. "Isto leva muitas vezes a conversas sobre a Palavra de Sabedoria", comenta. Observa ainda, "que nos meios radiofônicos, o pessoal costuma ter problemas com a linguagem não muito polida, como o diretor que grita com a gente em termos não muito elegantes. Além de correspondente, dirijo também, às vezes alguém pergunta: 'Por que você não grita e xinga como os outros?' Ora, eu posso ficar zangada sem usar linguagem imprópria. Posso ser igualmente enérgica de maneira mais elegante."

Além de sua participação ativa na Igreja, os Misalucha são conhecidos nas escolas que freqüentam. Todos são ou foram alunos destacados desde o primeiro grau até o fim do segundo. Bennette formou-se no segundo grau como segunda melhor aluna da classe. Benson ocupa o segundo lugar em sua classe agora também. Belenda, igualmente segunda melhor aluna de sua classe, terminou o primeiro grau em segundo lugar.

"Ainda não conseguimos derrotar o azar", diz o Irmão Misalucha, brincando. "Mas continuamos esperando alguém formar-se em primeiro lugar." Ainda que seus filhos não fossem alunos brilhantes, acrescenta depressa, ele os incentivaria da melhor forma possível." Qualquer um pode malograr vez por outra. Eles precisam saber que não é o fim do mundo. Na próxima vez, a gente pode sair-se melhor. O que importa não é o prêmio, mas o esforço e auto-aprimoramento. Enquanto fizerem o melhor que podem, é o que importa."

Embora apreciem sua atividade na Igreja, suas realizações acadêmicas e profissionais e o excelente ambiente familiar, sua maior alegria é quando podem compartilhar com outros o segredo da felicidade que seu pai descobriu ao mudar-se para Cebu.

"Posso testificar que a nossa é a única igreja verdadeira", afirma Belmin. "Às vezes consigo impedir meus amigos de fazer alguma coisa

errada; então eles dizem que minha idéia é boa. Eu lhes explico os perigos do fumo, por exemplo, e eles dizem: 'Eu não sabia disso.' É como que avisá-los. Consegui convencê-los a não 'cabular' a escola e não assistir a filmes impróprios."

"Tenho uma porção de amigos que sabem que o evangelho é verdadeiro", acrescenta Benson. "Mas parece que há barreiras que não conseguem vencer, e indagam: 'Por que você quer que eu mude?' São cabeçudos, porque nasceram assim. Mas a idéia é que eu continuo tentando fazê-los mais felizes."

"Inicio todo dia com uma oração", observa Belenda. "Na escola, meus colegas se interessam bastante pela Igreja. Quando descobrem que sou mórmon, fazem muitas perguntas, às vezes meio bobas como: 'Por que vocês não tomam álcool?' E eu explico as razões, que é contra os mandamentos da Igreja além de fazer mal à saúde."

O Irmão Misalucha fala de uma conversa sobre o evangelho com seu amigo Larry Yumul. "Ele quis saber por que me tornei um santo dos últimos dias." "Expliquei que eu vinha procurando uma igreja capaz de dar mais respostas, uma igreja que praticasse o que prega, uma igreja que nos pudesse ensinar coisas que não sabíamos."

Dois meses e meio mais tarde, o Irmão Yumul batizou-se na Igreja. Um vizinho dele costumava blasfemar, jogar e deixar seu lixo na frente da casa de Yumul. A atitude do Irmão Yumul para com ele mudou. "Começou a tratá-lo como se fosse um bom vizinho e mostrar-se um bom cristão", explica o Irmão Misalucha. "E o mau vizinho modificou-se e filiou-se à Igreja! Agora já falou do evangelho a outra família que foi batizada e ajudou a apresentar os missionários a uma terceira que igualmente entrou para a Igreja!"

A lição dessa experiência é óbvia para Benson. "A melhor maneira de fazer alguém dar atenção ao que você fala é demonstrar por ações que você se importa com ele. Antes de falar com alguém, preciso conquistar sua simpatia, pô-lo à vontade. Como em nossa escola estudam alunos de todas as partes da ilha, a diversidade de religião é normal. E é duro a gente fazer-se respeitar como mórmon. Mas é fácil compartilhar sua fé com um amigo."

"A maneira de ser dos filipinos facilita o crescimento da Igreja", diz a Irmã Misalucha. "Para nós, é natural compartilhar as coisas importantes da vida, e o evangelho é a coisa mais importante. Se os filipinos já gostam de compartilhar normalmente, essa atitude é mais acentuada ainda pela luz do evangelho. Mesmo sendo um povo alegre, ainda assim se impressionam ao conhecer um mórmon, porque a vida dos que vivem o evangelho restaurado reflete alguma coisa fora do comum."

Talvez seja por isso que as pessoas não-membros que visitam a casa dos Misalucha saem de lá com o coração exultante. "Nós falamos a respeito da noite familiar e contamos como o evangelho fez com que nossa família se unisse", diz o Irmão Misalucha. "A gente tem mais sucesso com pessoas que se conhece, porque temos experiências comuns relacionadas também à vida delas.

Quando a família Misalucha chegou a Cebu, o evangelho ainda era um enigma para eles. Mas, depois, descobriram como ter uma vida familiar plena e feliz, tanto aqui como na eternidade. Se depender deles, o segredo não ficará oculto por muito tempo.

A PRIMÁRIA PUBLICA AUXÍLIOS PARA O "TEMPO DE COMPARTILHAR"



O tempo de compartilhar tornou-se uma parte importante da Primária. Dirigido pela presidência da Primária é um período de trinta minutos no qual as crianças participam com apresentações espirituais, cânticos e outras atividades próprias para ajudar a aprender e viver os princípios do evangelho.

Neste mês o Manual está à venda e tem o título: LIVRO DE RECURSOS-TEMPO DE COMPARTILHAR DA PRIMÁRIA: Oferece diretrizes, sugestões e exemplos de apresentações adequadas.

O manual é dividido em duas seções. A primeira parte trata das técnicas didáticas indicadas para ajudar o professor a aperfeiçoar as atividades do tempo de compartilhar. As idéias podem ser utilizadas como um esboço ou adaptadas ao tamanho da Primária e às características culturais ou de cada idade.

Pedidos à Divisão de Distribuição acompanhados de cheque a favor de Associação Brasileira da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

código: PXPR0314PO - Cr$ 180,00
Caixa Postal 26023
05599 - São Paulo - SP



